



## Voto de saudação a António Valdemar

António Valdemar Jornalista, Historiador, Membro da Academia das Ciências, a convite do então Presidente, da Assembleia Municipal de Loures, Pedro Farmhouse, fez dois livros, um em 2010 - a República em Loures 4 de Outubro - e outro em 2012 - Viva a República Loures 1915.

O primeiro teve o prefácio de Mário Soares, que presente aqui nesta Assembleia, fez a sua apresentação considerando o texto límpido, original e erudito.

Ainda, no seu prefácio, Mário Soares salienta que António Valdemar não é só um jornalista. É um erudito, um homem de vastíssima cultura, conhecedor como poucos da história contemporânea portuguesa e das suas principais personalidades literárias, políticas, científicas, artísticas e universitárias.

Noutro momento tivemos a presença de António Valdemar, participando nas festividades da comemoração do 25 de Abril de 1974, em parceria com Vasco Lourenço, na biblioteca José Saramago, em debate e esclarecimento desta tão importante data.

Por tudo isto faz sentido louvar António Valdemar. E ao fazê-lo no dia seguinte ao 25 de Abril neste ano de 2019, nada melhor do que ler o texto que António Valdemar escreveu sobre Vasco de Castro cuja autorização nos concedeu.

Está aí toda uma nação. A vida do Homem que retrata todos nós. A vida que sofre e acompanha Portugal desde a ditadura até aos dias de hoje.



Também faz sentido nesta intervenção, acrescentar alguma preocupação e alertas sobre os perigos actuais em que a democracia está exposta e que António Valdemar, pegando nas evidências de Vasco como português, ibérico, europeu e cidadão do mundo nos leva a enquadrar este momento na eleição de um novo parlamento europeu, quiçá com intolerantes que pretendem estilhaçar o projecto europeu de paz e prosperidade.

## VASCO, A REGRA DE OURO Por António Valdemar

Vasco, no seu melhor, nas várias dimensões da sua energia criativa, na visceral contundência da intervenção satírica, dispersa em jornais, em revistas e outras publicações, encontra-se, a partir de agora, no Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Estamos perante cerca de uma centena de trabalhos a propósito de figuras e acontecimentos nacionais e internacionais das últimas décadas e, ainda, de comentários a episódios do quotidiano. Pertenciam à coleção de um amigo de há longos anos, e sempre presente nas horas boas e más, Mário Beja Santos, que decidiu oferecer este espólio tão diversificado ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro. É um contributo muito significativo para a valorização do património cultural de Lisboa.

Referência obrigatória do desenho de imprensa, Vasco, nos anos 40, enquanto frequentava o liceu, em Vila Real de Trás-os-Montes, despertou a sua vocação através da leitura d' **O Mosquito** (criação inovadora de **Eduardo Teixeira Coelho**, o inesquecível **ETC**, um açoriano universal **cujo centenário do nascimento decorre em 2019**), ao mesmo tempo que, também, descobria Picasso. A **Guernica** comunicou-lhe o gosto radical e excessivo das formas. No **Paris Match**, conheceu os desenhos de Siné, Bosc e Chaval. Durante os anos 50, na Faculdade de Direito de Lisboa, em vez de estudar os manuais, as sebatas e os códigos preferiu o **Grupo**





**Cénico da Faculdade de Direito, os Jograis de Lisboa e a tertúlia surrealista do Café Gelo.**

Logo que principiou a guerra colonial Vasco radicou-se em Paris e só regressou a Lisboa, após o 25 de Abril. Viveu e sentiu com intensidade a Revolução dos Cravos. De 1961 a Abril de 1974 residiu, quase sempre, em Montparnasse. Ali chegavam notícias de Portugal. Embora visado pela censura, o suplemento do **Diário de Lisboa, A Mosca** trazia as **Cartas da Guidinha**, assinadas por Manuel Pedroso, um dos pseudónimos de Luis de Sttau Monteiro. Fazia a autópsia possível da esclerose múltipla do regime, em desespero com a Guerra Colonial, sem controlar a emigração crescente de intelectuais e de trabalhadores; a resolver com a polícia de choque, os gorilas e a prisão em Caxias, no Aljube e em Peniche, o recrudescimento das manifestações sindicais e dos protestos nas universidades.

Foi no tempo irrepetível dos textos malditos de Luís Pacheco e Mário Cesariny; da rebeldia poética de Alexandre O'Neill, de Alberto Pimenta, da ferocidade de Natália Correia; das crónicas panfletárias de Artur Portela, do sarcasmo escaldante de José Vilhena, na **História Universal da Pulhice Humana**, na **Branca de Neve e os 700 Anões**, no **Tenha Maneiras** e no **Filho da Mãe**. Custou-lhe o vexame e as torturas nos interrogatórios da Pide, a prisão no Aljube em Caxias; a apreensão dos livros.

No **Dinossauro Excelentíssimo**, Cardoso Pires desmascarou Salazar e a classe política que o sustentava. No **Delfim**, Cardoso Pires também desmentiu as falsas promessas anunciadas por Marcelo Caetano. Permanecíamos, orgulhosamente sós, com a mesma política e as mesmas instituições repressivas. Apenas mascaradas com outros nomes.

Nos jornais, no parlamento e nos púlpitos – de quase todas as dioceses – manifestavam regozijo com a **reabertura do Tarrafal** pelo **ministro do Ultramar Adriano Moreira** e aplaudiram o



encerramento pelo ministro da Educação Galvão Teles da Sociedade Portuguesa de Escritores, pela atribuição do Grande Prémio da Novela a Luandino Vieira, na altura preso político no Tarrafal, já com a designação de **Campo de Chão Bom**, conforme os termos do decreto governamental, para a reclusão dos implicados na luta pela autonomia e a independência das colónias.

O universo intelectual e a formação artística de Vasco desenvolveram-se e consolidaram-se em Paris. Seguiu de perto a **Figuration Narrative**, o pop francês. Participou em seis ou sete filmes, envolveu-se nos movimentos underground, nas barricadas do Maio de 68, no ativismo da extrema-esquerda. Colaborou, lado a lado, com os maiores cartunistas e em jornais e revistas de prestígio. Por exemplo, em **Le Monde**, no **Figaro**, no **Canard Enchaîné**, no **Hara-kiri**. O **Canard Enchaîné** acolheu o rasgo de gerações sucessivas. O grupo **Hara-Kiril Charlie-Hebdo** e **L'Enragé**, acompanharam o Maio de 68. Época áurea, na Europa e nas Américas, da caricatura e do cartum, assinalada com a agressividade de Siné, o inconformismo de Chaval e de Bosc; a estilização sofisticada de Sempé, o imaginário de Topor, de Steidman e de Scarfe. E, ainda, a irradiação de Steinberg e de Levine.

Mal chegou a Lisboa, Vasco continuou a militância política. No jornal **Página Um** foi tudo e fez tudo, na fase explosiva do PREC. É no final dos anos 70 que atingiu a maturidade e uma expressão própria ao privilegiar as virtualidades da linha e do pingó da tinta-da-china, numa síntese entre o grafismo satírico e a pintura a negro, numa reinterpretação contínua do expressionismo.

Foi no decurso dos anos 80 que Vasco ganhou notoriedade no **Diário de Notícias**. O jornal ainda não perdera a expansão que o levava a todo o país. Estabelecemos fortes relações de convívio e uma sólida amizade que resistiu a inúmeras vicissitudes. Ao fim da manhã debatíamos temas de ilustrações para a página de opinião e para o suplemento **Artes e Letras**. Vasco encontrava-se em pleno apogeu,





e enviava em tempo útil, retratos, caricaturas e cartunes solicitados e que saiam quase todos os dias com o maior destaque.

Fernando Pessoa motivou sucessivas e arrojadas interpretações de Vasco, com uma visão original (celebrada por Vergílio Ferreira) e que ultrapassaram a iconografia imposta por Almada Negreiros e também pelas fotografias de Horácio Novais, ao surpreender Pessoa nas ruas de Lisboa umas vezes só, outras com amigos íntimos.

Mas não foi apenas Pessoa. A pretexto de efemérides do fim do século passado Vasco recriou escritores como Herculano, Eça, Aquilino, Nemésio, Jaime Cortesão e Teixeira Gomes; poetas como Antero, Junqueiro, António Nobre, Cesário Verde e Camilo Pessanha; artistas como Stuart Carvalhais e Amadeu de Souza-Cardoso; e, sobretudo, Camilo, uma das suas indisfarçáveis paixões literárias, para aprofundar, no homem e no escritor, o sentimento trágico de vida.

Vasco fez parte dos fundadores do ***Público***, onde colaborou assiduamente até a substituição de Vicente Jorge Silva. Mas não se limitou ao retrato, à caricatura de protagonistas e fantoches políticos e sociais. Os recursos imaginativos de Vasco abrangeram as consequências da poluição, os efeitos da tecnologia, as desigualdades sociais, o capitalismo selvagem, o consumismo desenfreado, as situações e perplexidades da condição humana.

A direção que sucedeu a Vicente Jorge Silva prescindiu a colaboração de Vasco e cortou-lhe a avença mensal que tinha, desde o início do jornal. Ficou sem a sua única fonte de subsistência e sem espaço de intervenção nos jornais e revistas. Perdemos a oportunidade de ver a indignação de Vasco contra a fatalidade nacional de 10 anos de Cavaco Silva em Belém e quatro insuportáveis anos do governo de Passos Coelho. Período negro nas grandes privatizações, na multiplicação de ilegalidades no sistema económico e financeiro; na ruína, descalabro e alienação da banca, na emigração de centenas de milhares de portugueses para o



estrangeiro pela falta de condições de vida no país. Na propagação do compadrio, da ganância e do favoritismo. Da mediocridade e da incompetência no domínio oficial da cultura.

Num balanço sumário da obra e da vida de Vasco podemos concluir que procurou manter-se fiel à diretriz de Rafael Bordalo ao salientar na apresentação do programa editorial do **António Maria** o propósito firme de «**ser oposição declarada e franca aos governos e oposição sistemática às oposições**».

O legado de Bordalo, patrono desta Casa Museu, o seu distanciamento sempre dos poderosos, dos interesses instalados, dos lugares de privilégio, também se deparam na posição crítica de Vasco e que tem sido a regra de ouro da sua conduta pessoal e profissional em face da prepotência e o arbítrio da classe política, dos comportamentos dúbios, dos negócios escuros e das rotinas confortáveis.

A memória e a identificação com as origens - e esta circunstância nunca poderá deixar de ser mencionada - incutiram em Vasco as raízes cósmicas, os vínculos ancestrais, toda a força telúrica que se transmite no ar que se respira, penetra no sangue, circula nas veias e impulsiona um sopro criador de liberdade. E, em todos os momentos e lugares, um sentido de amplitude universal que, onde quer que esteja, o evidencia sempre como **trasmontano, português, ibérico, europeu e cidadão do mundo**.

*Fim de citação.*

Conforme atrás dito as preocupações e as nuvens que se levantam sobre as democracias na europa e no mundo levam-nos a que neste período de comemorações do 25 de Abril, se acrescente alguns alertas:

Assim, do jornal expresso curto assinado por David Dinis de 12 de Abril, fala de um livro com uma mensagem tão dura como a sua capa ou o seu título. "Democracy Hacked" de Martim Moore - alerta-nos





para o perigo que todos nós, sem perceber, estamos a enfrentar. São as piores ameaças, aquelas que chegam sem conseguimos ver. *"No espaço de um ciclo eleitoral, governos autoritários, elites endinheiradas e hackers descobriram como jogar com as eleições, manipular processos democráticos e transformar redes sociais em campos de batalha. Prepare-se para um novo tipo de democracia. Enquanto as nossas vidas migram online, tornam-nos cada vez mais vulneráveis a plataformas digitais cujo objectivo é vender a nossa atenção ao comprador com a proposta mais alta. As nossas leis não cobrem o que se está a passar e os políticos não o percebem. Mas se não mudarmos o sistema agora, podemos não ter outra oportunidade."*

É a pura realidade: a democracia está a ser corrompida pela revolução tecnológica. Do Brexit a Trump, da Itália ao Brasil, tornou-se já evidente que este é o maior desafio político desta geração - expressão usada por Jamie Bartlett, também ele especialista neste difícil mundo da tecnologia.

Ainda segundo o jornal Expresso foi lançado no dia 28 de Fev o livro Negro da Liga, Editora Laterza, dos autores Giovanni Tizian e Stefano Vergine jornalistas. Sobre as alegações de que a Rússia estaria disposta a disponibilizar financiamentos secretos à Liga Norte Italiana canalizando milhões de euros, de desvio de verbas de um acordo energético, entre a Rússia e a Itália, em benefício do partido nacionalista de Matteo Salvini visando as eleições para o parlamento Europeu em Maio deste ano.

A amizade de Salvini com Putin leva a que estrategicamente a nova Europa deve estar próxima da Rússia, não dependendo de Bruxelas.

Desejam mudar a Europa com os aliados Heinz- Christian Strache (vice- chanceler e líder do partido da Liberdade extrema direita na Austria, a Alternativa para a Alemanha, a Sr<sup>a</sup> Le Pen, Orban na Hungria, e os Democratas Suecos, extrema direita na Suécia.

